

# O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA  
DEDICADO ÀS DAMAS VIMARRANENSES

ASSIGNATURAS

Anno ..... 300  
Com estampilha ..... 360

GUMARÃES

DOMINGO 1 DE AGOSTO DE 1886

TODA A CORRESPONDENCIA

Deve ser dirigida á

REDACÇÃO

## A ROMARIA DE HONTEM

NO LIVRO — «IMPRESSÕES DA PENHA».



**O** DIA não dispontou bello. Uma neblina espessissima envolvia a magnificencia que se divisa do alto d'esta serra, e por isso não podemos dilatar a vista logo de manhã, por sobre estes collossos de granito e das bellezas que graciosamente os rodeiam.

Tudo se achava envolto n'esse nebuloso véo, que vinha recatar com a sua condensação os attractivos que todos ambicionavam disfructar.

As gotas de orvalho que abundantemente cahiam, eram uma especie de «papã» que vinha assustar osromeiros, incutindo-lhes no peito a desesperança de apreciarem o extenso panorama que se estende até alem do alcance da nossa vista.

A expectativa estava em discordancia com as alegrias que deviam caracterissar a romaria, porque todos receiavam o prolongamento da neblina e do orvalho.

Mas não! essa tenue agglomeração que vinha esconder alem das regalias do espaço as divicias da montanha, foi a pouco e pouco dissipando, deixando-nos a descoberto este grandioso quadro de exuberantes enlucos !...

Eram aproximadamente dez horas : a cerração estava completamente esvaída; o sol achando-se já sem attritos diante das suas irradiações, vinha doirar toda a collina e a circunferencia do horizonte.

Agorá sim é que a Penha offerece um espectáculo magnifico, deslumbrante e sublimo !!!

Aquí divisam-se penedos insuperaveis formando grutas, cavernas e concavidades de diversas formas e feitios; allí um grande numero de povo de todas as classes que se entertem, uns analysando e apreciando as

diversas grutas, ou os cristalinos arroios que se vêem salir dos rochedos, e como fios reluzentes da mais brumida prata, serpentam por entre o verde-escuro das ervas. Ora se vê um grupo de formosas damas, disputando entre si, qual a primeira a posuir o oculo ou binoculo para observar se no Campo de S. Francisco, ou em alguma janella dos edificios da cidade, haverá uma pessoa sua conhecida; ora cheoava no ar uma sonora gargalhada em consequencia de alguma donzella ser obrigada pelo resvalar dos pés, a assentar-se no solo sem querer !

Alem é a vista attrahida por um illimitado numero de campinas verdejantes e o alvejar de uma casita por entre as ramificações dos arvoredos, e tudo isto admiravelmente orlado por cordilheiras de serras quasi inacessiveis.

Eram um sem numero de encantos, proporcionados a um só relance de olhos !..

Depois da missa campal e da festa na gruta-ermida de Nossa Senhora da Penha, houve um desenvolvimento geral, porque todos avidamente procuravam um sitio aprazivel e occulto dos raios solares, para melhor poderem realizar as impreconhecidas demonstrações de bons gastronomos.

No arraial, a philharmonica fazia as delicias dos «diletants». De tarde, depois de recolher a procissão, todos abandonavam este logar, na melhor ordem e socego.

E' inquestionavelmente uma das melhores romarias das circunvisinhansas de Guimarães, não pelas alfaias ou adornos que se encontram em muitas outras que as tornam mais concorridas, mas pelo pitoresco do local, pelo lindissimo panorama que se desenrola perante os nossos olhos, que nos captiva a attenção, arrebatando-nos o espirito e enche-nos o peito de desconhecidas impressões com os superabundantes incantos que aqui nos entusiasiam e até pela intimidade que se encontra em todo o povo, em quem parece haver as condescendencias do convívio familiar.

E' na realidade uma grande falta o não

haver um bom caminho que possa facilitar melhor ingresso a esta nova cimbra portugueza, como lhe chamou o distincto escriptor Vilhena Barbosa. Mas vós sympathicas damas vimaranenses, a quem ha pouco tivemos o prazer de apreciar a mais ardente flamma do amor patrio; volvei agora os vossos ternos ollos a este mirifico eden, no qual os vossos sentimentos religiosos juntamente com os notaveis servicos que podeis prestar, são incessantemente reclamados para o seu embellezamento e florescia; e, aonde desde já vos aguarda o diadema de uma gloria immorrechoira!

Penha 19 de Julho de 1886.

A. Pires.

## A MULHER

(ESBOÇO)

Quando Deus fez a mulher,  
Poema d'eterno verso,  
Deu-lhe todo o rosicler  
Das bellezas do Universo.

Fez-lhe o corpo de alabastro,  
Deu-lhe um modelo divino,  
O rosto fez-lh'o de um astro,  
Os cabellos de oiro fino.

Fez-lhe os olhos da Attractão,  
Da Doçura o coração,  
Coffre dos nossos desejos;

E, para a ouvir conjugar  
Os tempos do verbo «amar»,  
Formou-lhe a falla de beijos.

Coimbra, 83.

BRAULIO CALDAS.

Ahi vae mais uma preciosidade da nossa estimavel collaboradora *Marcella*, a quem pedimos a fineza de *correr a cortina*, porque o seu nome honrará muito as nobres damas vimaranenses, entre as quaes occupa um dos logares mais distinctos:

## RELIGIÃO

Bem dita sejas tu, filha adorada  
Do ceu, aonde em throno refulgente  
Magesiosa te sentas abraçada  
A' cruz do Redemptor Omnipotente.

Bem dita sejas tu, suave encanto  
D'aquelle que sem ti não crê ventura;  
Buscando a sombra angusta do teu manto  
De delicias te chama a fonte pura!

Tu de doce perfume és linda rosa  
Da vida no deserto a rescender!  
Anjo do ceu que arrancas caridosa  
O penetrante espinho do soffrer.

Quando o triste s'estorce convulsivo  
Sobre esse duro leito d'amargura,  
Só em ti achar pode unico abrigo  
Contra as setas fataes da desventura.

Bem dita sejas tu, Religião Santa,  
Suave emanação da divindade!  
Tu conduzes com tua luz que encanta,  
Pelo caminho angusto da verdade.

MARCELLA.

## PERFJE

D...Q...

**N**ASCEU de um beijo de luar  
pousado no calis de uma açu-  
cena.

E' alta, franzina, de uma elegancia indizivel.

O rosto é de um pallôr macio, levemente sombreado a tons de coral.

O cabello faz recordar o lourejar dos trigaes, quando já muito estiolados pelas ardentias do estio.

E' mais sympathica do que formosa.

Como a mariposa doudejando sobre corymbos de jasmims, é alegre e feliz.

Na altivez da frente que se levanta com a altania das palmeiras, parece

haver desejos de mostrar um coração de gelo, quando, nos sorrisos que se lhe desprendem dos labios, vê-se claramente reflexos de uma alma doudamente emamorada.

Amo o piano, idolatra a leitura.

Ainda a não conhecem?

E'-me vedado dizer mais.

*Lucia Gentil.*

SONETO ACROSTICO E TELESTICO (1)

—A UMA SENHORA—

dade, meu amor, fulgida estrela  
sua gentil, maga sibyl  
e no teu olhar raios scintil  
fa te creou Deus e mil singe

BEL

lissimas virtudes te reve  
lo genio, candor, qual do Pamphi  
linoos corações, em que sibi  
lica sanha, tua voz amiel

LA

lamente, jovial, como Vítu  
lesa tens o graça, que assigna  
—prazer, um condão, que amor a trul

lona ao vêr-te de furor esta  
latrice, ella, ó Libya! já não pu  
dade, meu amor, tudo avassal

G.

(1) Começam e acabam todos os versos com duas syllabas da mesmâ palavra.

Boletim elegante

Desde hoje até ao dia 11 do corrente fazem annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>:

Hoje—D. Antonia Emilia de Faria.

Dia 5—D. Marianna Beatriz Pereira.

Dia 6—D. Olinda Amelia Freire de Andrade.

Dia 7—D. Rosa de Jesus Pereira.

Idem—D. Adelina Adelia Alves Lemos.

Dia 9—D. Philomena da Conceição Vaz Lobo.

Dia 11—D. Augusta Ribeiro da Costa Salgado.

Acham-se a banhos:

Taipas—O Exm.<sup>o</sup> Conde e Condessa de Margaride e seus exm.<sup>os</sup> filhos.

O ex.<sup>mo</sup> snr. Domingos Leite de Castro, sua ex.<sup>ma</sup> esposa e filhos.

Vizella—O ex.<sup>mo</sup> snr. José Joaquim de Lemos.

Regressou a Vizella o nosso presado amigo e collaborador Braulio Caldas.

CHRONICA DE COIMBRA

Exm.<sup>as</sup> damas vimaranenses.

ESTA «Chronica de Coimbra» não é de Coimbra, minhas senhoras. Dirão agora vssençias: «então como pode ser uma chronica de Coimbra sem ser de Coimbra?! O chronista está a sonhar...» Mas para que vossençias não se riam d'este *ser e não ser* eu lhes digo a razão porque assim a denominei.

—O ultimo «Bijou», admirando-se de não receber a minha chronica estampou no fundo da ultima columna este distico: «Não recebemos d'esta vez a Chronica de Coimbra. Porque seria?...» E aquelle ponto de interrogação, muito curioso, pediu resposta a OILUARI SADLAC.

Para descargo de consciencia, ahí vae a resposta n'esta chronica que eu escrevo, não em Coimbra, mas n'uma d'essas regiões phantasticas aonde se elevam os poetas, nos seus estonteamentos lyricos, todas as vezes que procuram o auxilio amavioso dos affagos das Musas. Fiz pois como os poetas, estas innocentes victimas da Phantasia. Entreguei-me voluntariamente a uns pensamentos deliciosos que me prostraram o cerebro n'uma dolencia narcotica e dormi e sonhei...

Fui cair, no balão dos sonhos, ao reino das Musas e bati á porta do seu palacio. Eu tinha todo o empenho em que esta *chronica de despedida* fosse a mais doce possivel para que não ficassem sensações amargosas nos assucarados labios das Ophelias e das Desdemonas. Ia portanto pedir-lhes atavios, rendilhaos, perfumarias...

Afinal fui logrado.

Appareceu-me á porta uma velha feia e terrivel como os diabos de Milton que me fez passar por uma decepção nervosa como a que se sente quando se

ama uma *bella* pelo retrato e depois o *ensemble* dos traços naturaes do rosto amado visto atravez do prisma da realidade, varre as sensações *sympathicas* e insinuantes transmittidas ao órgão visual pelo engenho favoravel e muitas vezes mentido da *photographia*.

Que Musa esta ! que inspiradora aquella ! «As meninas não estão em casa» : disse a velha tia, n'uma voz affautada. E eu vias depois, as Musas, n'uma voluptuosa orgia, de braço dado com os amantes, os poetas do realismo, que lhes devoravam nos labios humidos e vermelhos uns beijos frescos... electricos... prolongados...

O chronista, ciumento, ficou de cara ao lado, e, arrancando uma folha de uma planta venenosa do jardim do palacio, escreveu com a ponta de um punhal estas palavras cheias de uma aridez febril e onde nem sequer a inspiração derrama uma gotta do seu opio embriagador e eloquente.

E' esta a ultima chronica de Coimbra n'este anno, minhas senhoras. Pouco ou nada disse digno de uma chronica ! Tenho-me entretido a cumprir praxes de apresentação, agradecimento, desculpas, principiando e acabando com phrases arredondadas e subtis como as de um pretendente a galan de salla.

O meu programma ficou *in mente* como a lenda da *união ao Porto*.

Vieram as ferias implacaveis no seu destino e embocando a trombeta de Minerva tocaram a retirar. Eu soltei um bravo entusiasta porque a retirada era triumphante, e nem sequer o suspeitei que as minhas generosas leitoras exigissem de mim o sacrificio de ficar em Coimbra só para escrever chronicas para o «Bijou». — Tambem não valia a pena; dirão vossencias.

Terminados portanto os meus trabalhos academicos, larguei a capa e a batina, e atirei com os livros acima da estante onde elles, encadernados em pó, dormirão um sono socegado durante estes trez mezes proximos.

Mala na mão, vim, comboio fóra, á busca de melhores paragens.

O campo, a aldeia, umas Caldas, uma praia, eis os oais que provocam os nossos appetites em quanto o nosso planeta percorre o terceiro quadrante da ecliptica, redigindo pelo espaço uns poemas de luz e harmonias, tendo por estrophes os cantares alegres da passadeira, os perfumes deliciosos das flores, a dolencia morna das tardes de estio que sensualizam e os sorvetes das brisas da manhã que refrescam.

A natureza tem d'estes caprichos e nós não podemos resistir á tentação de tantos attractivos. Ao gozo pois.

Esta chronica devia ir amortalhada de tristeza, porque é de despedida, e um adeus é sempre triste; mas como as tristezas hoje são uma *tolice psychologica* eu despeço-me de vossencias sem talvez que o pranto...mas antes com um sorriso jovial, e as minhas gentis leitoras corresponder-me-hão talvez passando-me um diploma de massador...

Minhas senhoras, um aperto de mão.

OILUARB SADIAC.



A' memoria do nosso prezado  
amigo e assignante  
**ANTONIO DIAS DE CASTRO**

---



A' memoria da ex.<sup>ma</sup> sur.<sup>a</sup>  
**D. Maria das Dores da Cunha  
Barros e Vasconcellos Leal.**

---